XII ENABET
SALVADOR 2025
ETNOMUSICOLOGIA
SABERES, CRIATIVIDADE E AÇÕES AFIRMATIVAS
10 A 14 DE NOVEMBRO DE 2025

CANTO DE UMA MULHER NEGRA EM DIÁSPORA

Samba de Roda no desenvolvimento de identidade plural

Jennifer Alisa Sanders
Universidade Federal da Bahia
sing@alissamusic.com
GT 15 - Artes Musicais africanas e afrodiásporas

Resumo:

Canção de uma mulher Negra em Diáspora busca explorar pluralidades da identidade no contexto da Diáspora Africana, compreendida como uma constelação dinâmica e em constante evolução de populações e culturas. Como cantora negra dos Estados Unidos que vive na Bahia, o questionamento e exploração da identidade estão no centro do meu trabalho artístico e acadêmico. Minha pesquisa se concentra nas formas cancionais do samba de roda, com foco nas mulheres de comunidades tradicionais do Recôncavo (Bahia), que mantêm vivas essas expressões. Emprego uma abordagem etnomusicológica que inclui revisão de literatura e repertório, entrevistas com mulheres, diário de escrita, observação de performances, além da minha própria produção artística. Acredito que, nessas culturas tradicionais, as mulheres estão enraizadas na essência de quem são e de onde vêm porque vivem na terra de seus ancestrais. A cultura na qual foram criadas é a que continuam a praticar, e seu senso de identidade e pertencimento surge da participação nas comunidades tradicionais às quais pertencem. Linhagem, vivência cotidiana, prática espiritual e continuidade histórica são fios de identidade entrelaçados na música: no timbre vocal, nas estruturas rítmicas e melódicas de suas canções, e nas letras que contam as histórias de seu povo. Teorizo que, ao compreender como as identidades dessas mulheres são refletidas — e talvez até mesmo construídas — por meio de sua música, posso definir e incorporar uma identidade diaspórica através da expressão musical: uma que abrace tanto minha cultura de origem nos Estados Unidos quanto minha cultura escolhida na Bahia, Brasil.

Palavras-chave: Diáspora Africana; Samba de Roda; Identidade; Mulheres Negras na Música; Pluralidade Negra

SONG OF A BLACK WOMAN IN DIASPORA

Samba De Roda In The Development Of Plural Identity

Abstract:

Song of a Black Woman in Diaspora seeks to explore the pluralities of identity within the context of the African Diaspora, understood as a dynamic and constantly evolving constellation of populations and cultures. As a Black singer from the United States living in Bahia, questioning and exploring identity are at the center of my artistic and academic work. My

research focuses on the song forms of samba de roda, with an emphasis on the women in traditional communities in the Recôncavo (Bahia) who keep these expressions alive. I use Ethnomusicology as my methodology and an approach that includes reviewing literature and repertoire, interviews with women, journaling, observing and participating in performances, and my own artistic production. I believe that, in the traditional cultures of the Recôncavo of Bahia, women are rooted in the essence of their identity because they live on the land of their ancestors and the traditions in which they were raised is the ones they continue to practice. Their sense of identity and belonging arises from their participation in the traditional communities to which they belong. Ancestry, daily lived experience, spiritual practice, and historical continuity are threads of identity woven into the music: in the vocal timbre, in the rhythmic and melodic structures of their songs, and in the lyrics that tell the stories of their people. I theorize that by understanding how the identities of these women are reflected — and perhaps even constructed — through their music, I can identify and embody the codes of diasporic identity through musical expression creating a body of work that embraces both my culture of origin in the United States and my chosen culture in Bahia, Brazil.

Keywords: African Diaspora; Samba de Roda; Identity; Black Women in Music; Black Plurality

Introdução: Fora da Caixa

> Os povos conquistados ou visitados são assim forçados a uma longa e dolorosa busca por uma identidade cuja primeira tarefa será a oposição ao processo de desnaturação introduzido pelo conquistador. Uma variação trágica de uma busca por identidade. GLISSANT, 1997, p. 16)

O ser humano tem uma tendência de organizar o mundo ao seu redor em caixas de coisas que são entendíveis. Nossos cérebros são programados e adaptados desde nossa evolução em seres humanos a reconhecer padrões, estabelecer normas de normalidade pois assim conseguimos identificar perigo e garantir a sobrevivência.[1] O silêncio dos passarinhos nas árvores numa tarde ensolarada... a ausência do rebanho de gazelas no poço de água onde eles costumam beber toda manhã cedo... um leve cheiro de fumaça trazido no vento do leste.... Reconhecer o que está fora do padrão, fora da caixa ajudou nossa espécie nascente a prever iminentes ameaças e fazer planos para se proteger. Entender os padrões de normalidade, de segurança e até as mudanças como de estações e tudo mais que faz parte dos ciclos padrões de um ambiente, foi uma habilidade essencial para sobrevivência inata em nossas células... fica arrepiada ao sentir algo que a lógica não explica, mas que o corpo sabe.

[1] BARKMAN, Robert C. Why the human brain is so good at detecting patterns. Psychology Today, 19 maio 2021. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/singular-perspective/202105/why-the-human-brain-is-so-good-detecting-patterns>. Acesso em: 21 novembro, 2026

Eu neste sentido sou atípica. Nunca fui muito chegada a seguir os padrões reconhecidos. As caixas que garantiam segurança me fizeram ansiosa. Imagina como que isto foi problemática para uma mulher negra artista estadunidense cujo povo estava obrigado a entender o "seu lugar" para sobreviver (ou seja as caixas onde podia garantir sua segurança sua sobrevivência) numa sociedade onde *Jim Crow* - o *Apartheid* dos EUA -foi a lei e a prática social. Ao longo dos séculos dentro das caixas os negros estadunidenses desenvolvemos uma cultura nossa dentro de uma sociedade extremamente hostil a nossa existência. Dentro de nossas comunidades tivemos a liberdade de expressão da forma que escolhemos. Mas fora de nossa caixa de comunidade foi fundamental entender o padrão da sociedade geral (branca) e de seguir o padrão ao risco da morte. Como um passarinho dentro de uma gaiola, o conforto e segurança do seu lar, não mata o desejo de liberdade, expansão mesmo com todos seus riscos. Em mim, a curiosidade e necessidade de explorar minha identidade fora da caixa foi maior do que a pressão de permanecer. As paredes de convenções e expectativas, normas e leis não calam a chama da alma ancestral que dentro guarda a memória de muito mais do que a caixa pode dar, mostrar, permitir ser. Daí vem a aspiração de buscar outros padrões, de encontrar outras realidades, outras identidades. Para os negros dos EUA a pluralidade de identidade surge de forma natural pois quem nasce preto e pretende atuar na sociedade geral, tem que entender como criar uma segunda identidade, falar a linguagem e entender as regras e referências da comunidade anglo-saxônica estadunidense mesmo que nem sempre pertença a sua cultura. A adquirida habilidade de *code switch* ou seja a alternância de códigos serve bem ao propósito. Ser de cá e de lá - de pertencer o que é sua de raiz e também de algo maior está integralmente conectada a experiência de ser negro nas Américas.

Em *The Poetics of Relation*, Edouard Glissant propôs que a teoria da rizoma explica melhor os processos que através da captura, passagem do meio, e estabelecimento de milhões de africanos, criaram a Diáspora Africana das Américas, e suas culturas. A resposta à pergunta que gerou esta pesquisa requer explorar a criação e definição dos povos e culturas de origem africana nas américas através da teoria da rizoma e a experiência da passagem do meio.

Raízes, Rizomas e Relações Forjadas a Partir do Abismo da Passagem do Meio

O termo Diáspora Africana Transatlântica usado como substantivo, refere-se à existência de populações formadas e informadas por ancestrais africanos em cativeiro nas

Américas. Ao falar dessa Diáspora, geralmente incluímos a linguagem, comida, dança, música, culturas e tradições originadas de combinações forçadas e integrações entre os povos africanos, europeus e indígenas americanos. Cada polo ou núcleo com sua cultura, com sua identidade própria e única, também faz parte do manto mais amplo, onde as origens africanas funcionam tanto como ponto de partida quanto de retorno.

Considere que a Diáspora Africana também pode ser entendida como um verbo — algo em movimento, um ato contínuo de ser, a continuidade de um ato no passado em evolução constante à medida que se ajusta e se adapta aos ambientes e condições contemporâneas.

Se considerarmos essa possibilidade de percepção, a Diáspora Africana Transatlântica tendo uma natureza rizomática é a metáfora que melhor encapsula os processos que informaram sua origem e evolução. Glissant fala da formação e organização do rizoma como uma explicação mais precisa para a criação e evolução das culturas diaspóricas nas Américas, permitindo uma relação mais sutil entre as partes separadas e a Mãe África:

> ...o rizoma, um sistema de raízes entrelaçadas, uma rede que se espalha tanto no solo quanto no ar, sem um caule predatório assumindo o controle permanente. A noção de rizoma mantém, portanto, a ideia de enraizamento, mas desafia aquela de uma raiz totalitária. (GLISSANT, 1997, p. 11)

Por definição, um rizoma é uma rede de nódulos que desenvolvem raízes e rebentos que podem comunicar entre si e propagar novas plantas. Cada nódulo ou núcleo do rizoma tem experiências, memórias e saberes. Cada um desses núcleos estaria necessariamente em comunicação com os demais — mesmo que de forma sutil, no subsolo, subliminar, pois fazem parte do mesmo corpo vivo, do mesmo sistema. Os códigos de saberes transmitidos entre núcleos formam um sistema operacional da rede. Supondo assim, os códigos seriam reconhecíveis no nível do sistema de cada núcleo por onde passassem.

Sendo que nossa rizoma Diaspórica não se espalhou pelo subsolo ou pelo ar, mas pela água, até as muitas margens do "Novo Mundo" é fundamental examinar o meio de transporte dos 5 a 12 milhões de seres de diversas famílias, etnias, culturas e realidades para os litorais do Brasil e os demais litorais das Américas e o Caribé ao longo de 4 séculos: A passagem do meio.

Édouard Glissant fala da Passagem do Meio com uma elegância dolorosa — a travessia desde a mãe, a África, através do útero profundo e frio do Atlântico, até as margens das Américas, os muitos canais que se tornariam riachos e rios de povos e culturas diaspóricas. A gestação começou quando entraram nos navios negreiros e começaram a metamorfose de seres

humanos que se identificavam como pessoas com nomes, famílias, etnias e terras de quais pertenceram, em seres escravizados. Separados de suas famílias, comunidades e territórios que os definiam, foram lançados para fora de suas caixas para o cruel abismo do desconhecido.

> A memória inconsciente do abismo serviu de aluvião para essas metamorfoses. As populações que então se formaram, apesar de terem esquecido o abismo, apesar de não conseguirem imaginar a paixão dos que ali naufragaram... (GLISSANT, 1997, p. 7)

O abismo do desconhecido. O extremo de fora da caixa. No abismo nem existe caixas. O abismo foi uma não existência ou a morte do que foi e espera no purgatório do desconhecido, sem tempo, sem referências... Kalunga — o além território dos ancestrais na cosmologia dos povos Kôngo, que moravam nela na imensidão sem fim do mar Atlântico.

> O mundo, [*nza*], tornou-se uma realidade física flutuando no *kalûnga* (em água infinita dentro do espaço cósmico); metade emergindo para a vida terrestre e metade submersa para a vida submarina e o mundo espiritual. O *kalûnga*, significando também oceano, é uma porta e uma parede entre esses dois mundos." (FU-KIAU, 2001, p. 20)

Assim, os africanos raptados de suas "caixas" de conhecimento de família, comunidade, de cultura foram mortos, não fisicamente, mas no sentido de que não pertencia mais às caixas de realidades de onde vieram. Como plantas arrancadas do solo que as sustentaram ficaram sem a referência da terra, povo, línguas, filosofias, experiências e culturas a partir das quais foram construídas suas identidades.

> Arrancado de seu lar, vendido no mercado e separado de seus parentes, o escravo estava, para todos os efeitos, morto, não menos do que se tivesse sido morto em combate. (HARTMAN, 2007, p. 69)

E assim como mortos-vivos entram nos navios negreiros para a passagem na Kalûnga que durou meses e onde não havia tempo...

> A Passagem do Meio foi o canal de nascimento que gerou a tribo. E o canal da morte do africano. 'O africano morreu para o que era e para o que poderia ter sido.'" (HARTMAN, 2007, p. 103)

No balanço dos navios negros nas ondas e correntes da Kalunga formaram os embriões da Diáspora Africana Transatlântica. Pois o cérebro do ser humano não sabe lidar com abismos e vãos infinitos. Ele começa a tecer fibras de memória do conhecido de suas experiências próprias e das experiências ancestrais (sua herança imaterial). Ele busca entender os novos padrões de realidade atual, ele cria sentido em coisas que não tem sentido costurando tudo numa plataforma de qual ele consegue se erguer e pelo menos imaginar ter um horizonte que pode ser

visto. Ele renasce, ele reconstrói os retalhos da memória na mente e no corpo numa nova realidade, uma nova identidade, uma nova comunidade onde ele pode encontrar pertencimento e segurança. Ele começa a construir uma nova caixa num novo mundo. Nesta nova caixa terá traços do Ewe, Fon, Bakongo, Yoruba e demais nações de onde veio o povo no abismo, porém o nome da caixa construída pela passagem, quando os navios chegaram nos litorais das Américas é negro.

> "Para aqueles acorrentados nos conveses inferiores de um navio negreiro, a raça era ao mesmo tempo uma sentença de morte e a linguagem da solidariedade. A visão de uma família continental africana ou de uma raça sombria de pé lado a lado nasceu de cativos, exilados e órfãos e no rescaldo do tráfico transatlântico de escravos. A solidariedade racial era expressa na linguagem da parentalidade porque ela ao mesmo tempo evidenciava a ferida e tentava curá-la." (HARTMAN, 2007, p. 5)

Da mesma forma que a pressão constante e violenta, junto com altas temperaturas sobre moléculas de carbono, transforma-as em alótropos cristalinos mais conhecidos como diamantes, o resultado não previsto, não planejado, e não imaginado da migração forçada e escravização de africanos foi a criação de uma identidade negra — uma identidade que, por necessidade, uniu pessoas de várias culturas africanas como os Yoruba, Akan, Bakongo e Fang, que falavam diversas línguas, praticavam diferentes religiões e viviam em regiões distintas — uniu-as em um todo. Unificaram-se por necessidade de sobrevivência. "A experiência compartilhada da Passagem do Meio tornou-se algo comum e nos fez, os descendentes, um só povo entre outros." (GLISSANT, 1997, p. 8)

A reação necessária para a sobrevivência desses africanos durante a Passagem do Meio- e a negação de suas origens, histórias e identidades individuais- foi unir-se como um coletivo, encontrar pontos de conexão além das diferenças inerentes, a fim de construir culturas, cosmovisões, práticas, linguagens e consciências nas Américas. Sua passagem pela *kalunga* resultou em renascimento através da criação de uma identidade amalgamada - uma identidade negra e diaspórica.

Corpo: Memória, Códigos, Música E Identidade

Essa identidade plural e abrangente é um tecido cultural unificado, construído ao longo do tempo e da geografia, a partir de camadas e manifestações de indivíduos, grupos e comunidades. É possível identificar-se simultaneamente com o micro e o macro, reconhecendo que a história dessa ancestralidade é acessível por meio da cultura diaspórica, fruto dos próprios

povos e suas culturas. E como um dos elementos mais fluidos e acessíveis da cultura — a música da diáspora é um elo que atravessa linguagem, geografia e tempo.

Leda Martins escreve sobre uma "complexa pletora de conhecimentos e saberes africanos que se restituem e se reinscrevem nas Américas, recriando-se toda uma gnosis de uma episteme diversas" (MARTINS, 2019, p. 68).

Esse conhecimento ancestral coletivo, transmitido por gerações, junto a conhecimentos adquiridos por novas experiências, foram codificados nas artes e práticas e nas "performances" que se tornaram tradições culturais em comunidades negras das Américas. São, em essência, o DNA cultural, moral e espiritual da comunidade.

Voltando à ideia da diáspora como um verbo, um processo de evolução que começou nos navios negros, mas é contínua, as caixas de identidade e pertencimento criados pelos negros nas américas tiveram dentro expressões do processo que os escravizados e seus descendentes passaram em forma de cultura e por meu viés na música - uma língua de expressão criada pelos povos que continha tanto as memórias corporais e dos ancestrais quanto suas experiências atuais, emoções complexas e as vezes contraditórias, suas crenças e espiritualidade e cosmovisão junto aos morais e regras da sociedade quanto as esperanças, desejos e sonhos proibidos e impossíveis que guardaram no seus corações.

Ave Maria meu Deus
Nunca vi casa nova cair
Puxa puxa joga joga
Joga pra cima de mim
Eu sou barco de maré
Coroa de mar sem fim

“Casa Nova” (Samba de roda tradicional, s.d.)

A música na Diáspora, assim como na África, foi além de entretenimento e diversão, sendo um meio muito eficaz de comunicação e um acervo importante de memória e conhecimento que virou uma arma importante na preservação do povo e suas culturas.

> "O essencial é compreender que, no conjunto desses territórios, a memória dos neg marrons (Antilhas francesas), dos quilombolas (Brasil), dos palenqueros (América hispânica) continua a irrigar as lutas contemporâneas por meio das práticas culturais (maloya, capoeira, cultos afro-diaspóricos, etc.) que por reativaram a visão das vencidas e

> dos vencidos — sua versão da história, logo, da 'Realidade'" (BONA, 2022, p. 16).
>
> *Oh, you got Jesus, hold him fast*
> *One more river to cross*
> *Oh, better love was never told*
> *One more river to cross*
> *Tis stronger than an iron hand*
> *One more river to cross*
> *Tis sweeter than honey comb*
> *One more river to cross*
> *Oh, wasn't that a wide river*
> *River of Jordan, Lord,*
> *Wide river*
> *There's one more river to cross*
> *Oh, the good old chariot passing by*
> *One more river to cross*
> *She jarred the earth an' shook the sky*
> *One more river to cross*
> *The good old chariot passing by*
> *One more river to cross*
> *I pray, good Lord, shall I be one?*
> *One more river to cross*
> *Oh, wasn't that a wide river*
> *River of Jordan, Lord,*
> *Wide river*
> *There's one more river to cross*
>
> *"One More River to Cross"* (*Negro Spiritual* tradicional dos EUA)

Há muitas camadas na música negra diaspórica. Na superfície "*One More River to Cross*" parece ser uma cantiga louvando Jesus Cristo para buscar força e citando referências bíblicas de carroças (*charriots*) e rios a ser atravessados na fé. Porém para os que entendem, a canção usa as palavras de forma codificada para explicar que na rota de fuga para liberdade tem rios que precisa atravessar, o Rio Jordão certamente sendo o rio em questão e que depois tem mais um rio a atravessar também. E em outra camada mais sutil e mais visceral, tem a escolha das notas da melodia, a forma cantada em chamada e resposta, o ritmo do canto que traz marcas das culturas africanas guardadas na memória do corpo.

> Nos ritmos africanos, "enraizada nas ressonâncias do corpo," foram os códigos de "uma cosmovisão que foi trazida por esses migrantes nus no

> porão do navio negreiro. E as resistências negras vão se desencadear precisamente a partir da reativação criadora dessa memória, a partir do ritmo, pensamento encarnado" (BONA, 2022, p. 30).

Assim, códigos de saber foram criados embutidos com informações ancestrais pois os meios de comunicação entre o povo negro nas américas foram criados a base dos conhecimentos que os africanos já tiveram de suas próprias línguas, culturas, crenças, juntados e adaptados para criar novas formas de comunicar. Sendo que a fonte principal dos conhecimentos veio das culturas dos povos africanos que abasteceram as plantações, minas, casas grandes e engenhos da América colonial, cada nódulo do rizoma afro-diaspórico passou por este mesmo processo de criação de culturas amálgamas "crioulas" ou seja culturas que misturaram elementos das linguagens, cultura, cosmovisões dos africanos escravizados numa feijoada de cultura adaptado para sua sobrevivência no local e situações atuais.

Se o processo seguiu o mesmo padrão nas américas todas — claro que com variações particulares — é plausível afirmar que deve haver similaridades nos códigos de saber embutidos nas culturas do rizoma diaspórico e seus frutos, como a música. Uma pessoa de um núcleo da rede rizomática da diáspora supostamente poderia ouvir na música de um outro núcleo da rede, elementos reconhecíveis — quando não são totalmente compreendidos. Eu imagino que sim.

Canto De Uma Mulher Negra Em Diáspora

O canto, a música, tem sido meu instrumento de busca e lembrança. É por meio dela que me aproximo de algo maior que eu: um campo de pertencimento que ultrapassa idioma, nacionalidade e tempo. Como artista e pesquisadora, encontrei na canção do samba de roda um elo entre minha história e a de outras mulheres negras, separadas por séculos e continentes, mas unidas por um fio ancestral.

Reiterando, uma das moedas de troca mais poderosas e prolíficas nas comunidades diaspóricas é a arte: música, performance, dança, contação de histórias. O rizoma aquático carregou o conhecimento nos corpos que atravessaram o Atlântico ao longo dos séculos. Bona afirma:

> "A memória do corpo não é estática, é motora, dinâmica, só se atualiza em gestos, em posturas, numa série de práticas corporais tais como a dança ou a música" (BONA, 2022, p. 29). E Nadir Nóbrega Oliveira compartilha o mesmo conceito com eloquência: "corpos/sujeitos que contam suas histórias, criando formas, ondulando, deslizando, saltando, girando, excitando, cortando, demonstrando capacidades corporais de tornar presente sua ancestralidade" (OLIVEIRA, 2007, p. 6).

Pois, pode-se supor que uma identidade coletiva também esteja incorporada nos corpos das populações diaspóricas. E que códigos de identidade, por estarem conectados aos núcleos da rede rizomática da diáspora, seriam interpretáveis por outros corpos diaspóricos. Os rituais espirituais e seculares do povo, expressos em forma de artes e performances imbuídos com códigos de saberes se tornariam pontos para conexão e inclusão — pontes capazes de atravessar distâncias geográficas, linguísticas e temporais forçadas. Na minha própria exploração encarnada da identidade, o canto torna-se o fio que costura ancestralidade, memória e presença.

Entre os nodos da rizoma da Diáspora Africana existe o núcleo do Recôncavo Baiano. É neste território que encontro, nas vozes das mulheres que cantam samba de roda, uma memória viva da Diáspora encarnada no corpo, na roda, no ritmo, no gesto, na voz. O que me atraiu, desde o primeiro encontro com essa música, foi uma sensação inexplicável de reconhecimento, como se meu corpo soubesse, antes mesmo da mente, que ali havia algo meu.

Vejo uma oportunidade e tenho a vontade, com este trabalho, de criar uma ponte entre mulheres negras, artistas e cantoras, abrangendo os séculos, quilômetros e línguas que nos separam, ao apontar e apostar nos elos de conexão entre as mulheres negras atuantes na área de criação e performance de música nos EUA e no Brasil. Reconhecer os códigos diaspóricos que me fazem sentir que, mesmo estrangeira, eu — uma mulher negra da diáspora africana das Américas — pertenço à cultura e à música do Samba de Roda do Recôncavo Baiano. A descoberta deste pertencimento pode servir como um ponto de partida para criações musicais e uma fonte de inspiração para imbuir meus futuros trabalhos e os de outros musicistas com os códigos que conectarão suas obras às tradições centenárias do samba de roda. Este é um trabalho de fundamentos e a continuação e ampliação das obras artísticas que tenho desenvolvido nos últimos anos.

O projeto procura compreender o samba de roda do Recôncavo Baiano como uma expressão cultural que traz, em seus elementos e códigos, marcas de identidades plurais — identidades que, além de serem códigos nativos do contexto afro-brasileiro do Recôncavo Baiano, também se conectam e podem ser reconhecidos por outros núcleos rizomáticos da Diáspora Africana — em particular, meu núcleo nos Estados Unidos.

A pesquisa parte de uma abordagem de etnomusicologia brasileira que une etnografia, autoetnografia e pesquisa baseada em artes (ABR) com os seguintes objetivos a serem alcançados: Investigar o contexto histórico, social e cultural do samba de roda do Recôncavo

Baiano, ler e analisar a bibliografia acadêmica, levantar e estudar repertórios musicais tradicionais, observar práticas culturais e performáticas; conversar e realizar entrevistas com mulheres das comunidades; estabelecer possíveis conexões entre os códigos culturais, e sistematizar os achados da pesquisa em forma de escrita acadêmica e também em novas produções artísticas.

Acredito que, nessas culturas tradicionais, as mulheres estão enraizadas na essência de quem são e de onde vêm porque vivem na terra de seus ancestrais. A cultura na qual foram criadas é a que continuam a praticar, e seu senso de identidade e pertencimento surge da participação nas comunidades tradicionais às quais pertencem. Linhagem, vivência cotidiana, prática espiritual e continuidade histórica são fios de identidade entrelaçados na música: no timbre vocal, nas estruturas rítmicas e melódicas de suas canções, e nas letras que contam as histórias de seu povo. Teorizo que, ao compreender como as identidades dessas mulheres são refletidas — e talvez até mesmo construídas — por meio de sua música, posso definir e incorporar uma identidade diaspórica através da expressão musical: uma que abrace tanto minha cultura de origem nos Estados Unidos quanto minha cultura escolhida na Bahia, Brasil.

Centrado nas comunidades quilombolas da Vale e Bacia do Iguapé, no município de Cachoeira, as pesquisas e vivências focarão nas mulheres cantoras e no repertório das músicas que elas cantam, eu busco identificar e compreender os códigos culturais que fazem parte da construção de identidade tanto afro-baiana quanto afro-diaspórica. E no decorrente compartilhar minha experiência de busca como uma mulher, cantora, negra, estadunidense que arriscou sair de sua caixa conhecida para encontrar algo desconhecido mas familiar, algo que me pertence mesmo sendo de outro lugar.

Para mim, o Brasil e os Estados Unidos são como dois filhos concebidos da mesma mãe: a África. A mistura de europeus, indígenas americanos e africanos centro-ocidentais é comum a ambas as nações. A inseminação violenta e involuntária foi a mesma.

Através deste trabalho, busco entender onde me encaixo neste processo diaspórico atual e histórico. Por que eu, uma mulher negra americana nascida e criada em Los Angeles — sem ser oriunda das tradições e culturas de samba de roda — me sinto tão compelida por elas? O que, se houver algo, me conecta a elas — teoricamente, geneticamente, historicamente, musicalmente? "Ser do refúgio é afirmar uma identidade errante, aberta ao outro e ao desconhecido." — BONA, 2022, p. 14

Sinto a vontade e a necessidade de pertencer a algo maior do que a tradição na qual nasci. Algo vasto e enraizado. Algo duradouro e belo — não definido pela escravidão, mas conectado ao legado da África, do qual eu também faço parte. Da forma que a música conecta os núcleos da diáspora, fazendo deles um rizoma que pertence a todos nós, a música nos liga ao passado, ao futuro, à Mãe África e a todas as suas filhas do "mundo novo".

Fora da caixa, onde tudo se mistura.
Tudo flui.
Fora da caixa, as músicas,
Como as correntes do mar Atlântico,
Se encontram
Se misturam
Como é sua natureza.
A música entra em mim e me leva
De lá para cá.
E assim, minha voz de mulher negra
Em diáspora
Faz a viagem
E vira a ponte
Entre cá e lá,
Meu povo e o seus,
Nossas canções.
O bálsamo para as feridas da ruptura,
Da corta
Da perda da mãe
Da passagem do meio.
Filhas da rizoma da diáspora encontram
Sua cura
Em nossa conexão
E a música
É a liga.

> Essa é, de fato, a imagem do rizoma, que incita o conhecimento de que a identidade já não reside completamente na raiz, mas também na Relação. [...] A história da errância é a história da Relação." - GLISSANT, 1997, p. 19

Referências

AGAWU, Kofi. Tonalidade africana: modos, estruturas e perspectivas. Tradução de J. M. dos Santos. Salvador: EDUFBA, 2003.

BARBOSA, Helen Campos. Cantautoras negras: uma retomada histórica da autoria musical em práticas comunitárias afro-diaspóricas e no contexto do surgimento da indústria fonográfica no Brasil. *Revista Trilhos*, Salvador, v. 3, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistatrilhos.com/home/index.php/trilhos/article/view/91>. Acesso em: 22 jul. 2025.

BARKMAN, Robert C. Why the human brain is so good at detecting patterns. *Psychology Today*, 19 maio 2021. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/singular-perspective/202105/why-the-human-brain-is-so-good-detecting-patterns>. Acesso em: 21 novembro, 2026

BONA, Dénètem Touam. Cosmopoéticas do refúgio: afrotopias, errâncias e hospitalidade radical. Salvador: EDUFBA, 2022.

FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. *African Cosmology of the Bantu-Kongo: Tying the Spiritual Knot*. Brooklyn: Athelia Henrietta Press, 2001.

GLISSANT, Édouard. *Poetics of Relation*. Tradução de Betsy Wing. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.

HARTMAN, Saidiya. *Lose Your Mother: A Journey Along the Atlantic Slave Route*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2007.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário e os reinados de Catopê, Moçambique e Congo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

McCLARY, Susan. *Feminine Endings: Music, Gender, and Sexuality*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.

MUNDO EDUCAÇÃO. Estados Unidos: país mais desenvolvido do mundo. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/estados-unidos.htm>. Acesso em: 15 jul. 2025.

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. Expressividades corporais autônomas. *Anais do V Congresso da ABRACE — Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas*, Salvador, 2007.

BIOGRAFIA